



## XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS - XI CIEIA

Os 80 anos do Estado Novo

**Data:** De 17 a 19 de outubro  
**Local:** Auditório do Prédio 05

### Leonel Brizola: o último líder trabalhista?\*

A escrita da história não está alheia às transformações da sociedade, muito menos os historiadores. Assim, esse artigo apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre como o político Leonel de Moura Brizola e a corrente política gerada em torno da sua imagem o *brizolismo*, vem sendo retratado pela academia com um recorte específico em relação a sua tradição trabalhista.

O título desse texto, *Leonel Brizola: o último líder trabalhista?* foi retirado do *Jornal do Brasil* quando do anúncio da morte de Brizola, em 22 de junho de 2004. No periódico a assertiva era dada sem questionamento, isto é, o ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro era de fato o último líder do trabalhismo. Questionei-me de qual trabalhismo o jornal remetia. Provavelmente aquele inaugurado por Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado do Novo. Assim, acredito que o mais correto seria denominar Brizola como o último líder varguista. No entanto cabe nos questionar quanto a essa afirmação. Que Brizola é um herdeiro do varguismo, não há dúvidas. Provavelmente não o último.

Por vezes há certa confusão na definição do trabalhismo brasileiro, do varguismo e do petebismo. Embora estejam extremamente ligadas tais ideologias não são sinônimos. Não é nosso objetivo definir teoricamente cada uma delas, porém deve estar claro que correspondem a percepções distintas, embora apresentem muitos pontos de ligação. Resumidamente o trabalhismo brasileiro – influenciado pelo inglês – formou-se no país durante o Estado Novo, embora tenha se projetado desde o início do século através das lutas dos trabalhadores, com características corporativistas devido ao seu contexto de formação. O varguismo, por sua vez, está centrado na figura de Getúlio Vargas, abrangendo o trabalhismo e o PTB, mas a principal

---

\*RIGHI, Graziane Ortiz. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: [grazi.ortiz@gmail.com](mailto:grazi.ortiz@gmail.com)

<sup>1</sup> Leonel Brizola; trabalhismo; brizolismo.

referência é a liderança personalista. Já o PTB é a representação político-partidária do trabalhismo no Brasil onde inclui, além de Vargas, outros nomes dessa corrente como Alberto Pasqualini, o primeiro grande teórico da sigla.

Acreditamos que após a disputa pela sigla do PTB, em 1979, e a fundação do PDT temos dois grandes partidos representantes do trabalhismo. Ambos retomando a imagem daquele que personificou essa corrente, Getúlio Vargas. No entanto, ao longo das décadas de 1980 e 1990 o PTB não fez uso frequente desse ícone do mesmo modo que Leonel Brizola o fez dentro do PDT. Por outro lado, gradativamente os pedetistas buscaram a formação de um brizolismo e não somente a recorrência ao varguismo. Há, portanto, a inclusão de novas características no partido e também no trabalhismo propriamente dito. Nesse sentido, Ângela de Castro Gomes (2005) defende o brizolismo como um “terceiro tempo da tradição trabalhista”.

Há muitos estudos que analisam o trabalhismo e seus desdobramentos, assim como as figuras de Getúlio Vargas e Leonel Brizola. Todavia, como já mencionado, buscamos analisar especificamente a abordagem acadêmica acerca da presença do trabalhismo na formação do brizolismo. O trabalho de maior fôlego sobre a corrente gerada a partir de Brizola é a tese em ciência política de João Trajano Sento-Sé que originou o livro “*Brizolismo: estetização da política e carisma*” (1999). Nele o autor faz uma profunda análise sobre sua formação e seus desdobramentos. Podemos afirmar que se trata do trabalho referência em termos teóricos sobre o brizolismo enquanto corrente política. Desse modo, alguns dos trabalhos consultados para essa reflexão também retomam as análises de Sento-Sé.

Elenice Szatkoski (2008) analisou a publicação *Panfleto* que circulou no período anterior ao golpe de 1964 publicado por Brizola e por outros políticos ligados a Frente de Mobilização Popular (FMP).<sup>2</sup> Na tese em história, intitulada *O jornal Panfleto e a construção do brizolismo*, temos outro trabalho de análise sobre o brizolismo sendo que nesse estudo a autora busca muito antes da formação do PDT indícios para a sua formação ou fase “embrionária”.

Além de Sento-Sé e Szatkoski outros pesquisadores analisaram o brizolismo, mas de forma menos direta e aprofundada. Geralmente são estudos relacionados à fundação do PDT ou a figura de Brizola. Nesse sentido, incorporamos a tese em história de Izabel Cristina

---

<sup>2</sup> A FMP surgiu em 1962, com o objetivo primordial de pressionar o presidente da República e o Congresso Nacional a adotar um programa que implantasse as Reformas de Base o mais rápido possível. Caracterizava-se por ser um grupo extraparlamentar de nível nacional, que reunia partidos políticos, sindicalistas (CNTI, PUA, CGT, CONTEC), Ligas camponesas, União Nacional dos Estudantes (UNE) e organizações de subalternos das Forças Armadas. Atuavam por meio de manifestos, passeatas e comícios. Seus principais mentores foram Leonel Brizola e Sérgio Magalhães (DELGADO, 2011, p. 216-221).

Gomes da Costa, *Em busca do paradigma perdido: as esquerdas brasileiras e a crise do socialismo real* (2009), um trabalho com amplo escopo analítico que inclui a formação do PDT como o “novo trabalhismo”. Embora Costa pouco use a expressão brizolismo há o reconhecimento do papel definidor de Brizola no partido, bem como na conjuntura da década de 1980 – recorte temporal de sua análise. Do mesmo modo, o artigo de Teresa Marques e Leandro Gonçalves, *A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio* (2016), compreendem a formação da agremiação como uma retomada do “novo trabalhismo”.

Angela de Castro Gomes, Lucilia de Almeida Neves Delgado, Maria Celina D’Araújo e Jorge Ferreira são pesquisadores que se dedicam ao estudo do trabalhismo e seus desdobramentos com obras já consagradas na historiografia sobre a temática, como: *A invenção do trabalhismo* (1988), *PTB: do getulismo ao reformismo 1945-1964* (1989), *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65* (1996) e *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964* (2005), respectivamente. Dessa forma, mesmo que indiretamente acabam mencionando a conseqüente formação do PDT e do brizolismo como uma “herança” do trabalhismo de Vargas, embora suas análises se concentrem na fase anterior ao golpe de 1964.

Partimos, então, para a observação mais detalhada de cada obra.

João Trajano Sento-Sé (1999) em sua análise pioneira sobre o brizolismo aponta que a retomada do trabalhismo está muito mais presente no momento de fundação do PDT do que ao longo da história do partido. A presença do varguismo foi gradualmente perdendo espaço para a própria imagem de Brizola, especialmente após sua morte. Além do trabalhismo a influência do socialismo pode ser considerada nesse momento de formação do partido. No entanto, Sento-Sé (p. 183) busca relativizar essa premissa: “a interpretação do trabalhismo como caminho brasileiro para o socialismo é dotada de uma evidente ambigüidade”. Naturalmente que novas demandas foram incorporadas ao brizolismo que vão além do trabalhismo de varguismo, como por exemplo, as reivindicações das ditas minorias: “é, portanto, pelo trabalhismo brizolista que a questão das minorias passa a ocupar parte crucial nas discussões sobre direitos humanos” (p. 187).

Elenice Szatkoski (2008), que em sua tese que tem um capítulo específico sobre o trabalhismo getulista à construção do brizolismo, afirmou que Brizola se inspirou em Vargas no que tange ao populismo/trabalhismo (posto dessa forma pela autora passa a impressão de entendê-los como sinônimo) e ao nacionalismo (p. 44). As referências à carta-testamento de Vargas são momentos explícitos de retomada da política varguista, tanto na conjuntura do

pré-1964 quanto na volta do pluripartidarismo. Momentos, segundo a autora, necessários na busca do “mito e o herói para ressignificar o trabalhismo” (p. 53).

Ao concluir sobre a presença do brizolismo na política nacional, Szatkoski apontou que ele “marcou época com a mesma intensidade que o varguismo” acrescentando que “ninguém é varguista sem Vargas, ninguém será brizolista sem Brizola” (p. 62). A diferença essencial entre essas correntes para ela é que Vargas buscou a conciliação, enquanto seu adepto não (p. 62).

Percebe-se, em suma, que nessa linha interpretativa o brizolismo começou a surgir desde o contexto do pré-golpe, chamado de “trabalhismo brizolista” (p. 62). Acreditamos, no entanto, ser muito precoce entender esse período como um “nascimento” do brizolismo. Brizola era um líder, mas não maior que o trabalhismo, muito menos que Vargas.

As duas próximas análises que focam sobre a fundação do PDT o tratam como a retomada de um “novo trabalhismo” ou o chamado “socialismo moreno”, termo cunhado por Darcy Ribeiro. Izabel Costa (2009) demarca a forte presença do trabalhismo na constituição do PDT, mas de forma resignificada e com a incorporação de novas inspirações como a social democracia. Aqueles que buscavam a refundação do antigo PTB eram taxados de “velhos” e por isso buscavam o “novo”:

O novo trabalhismo de Lisboa incorporava a herança getulista a partir da abordagem produzida por Leonel Brizola no pré-64. Nesta leitura o dirigente pedetista, a partir dos elementos pinçados da carta-testamento, radicalizava o nacionalismo getulista, dotando-o de uma feição anti-imperialista e revolucionária, mais conectada ao ambiente político dos anos sessenta (COSTA, 2009, p. 261).

A conexão com o final dos anos 1970 vinha do contato com a social democracia o que de certa forma foi vista por alguns setores da esquerda como a possibilidade de implantação do socialismo pela via democrática – ponto relativizado por Sento-Sé (1999). Todavia os aspectos negativos do trabalhismo e, de certo modo, do populismo ainda estavam presentes. Como, por exemplo, a aposta excessiva em lideranças carismáticas e práticas ‘caudilhescas’ que acreditam mais “em sua capacidade pessoal do que nas massas organizadas em suas entidades” (COSTA, 2009, p. 276). Contudo, se focarmos apenas na disputa pela sigla do PTB e nos primeiros anos do PDT, Costa afirma:

O sucesso alcançado, portanto, não foi fruto da “velha” manipulação “populista”, mas da capacidade de construir uma nova síntese. Positiva ou negativamente, o PDT combinara vícios e virtudes através do maior símbolo vivo do trabalhismo, Leonel Brizola (2009, p. 286).

Para Teresa Marques e Leandro Gonçalves (2016, p. 400), que analisaram o processo de formação do PDT sob o prisma do exílio, há de certo modo uma “adaptação do trabalhismo aos novos tempos” (p. 400). Um rumo do trabalhismo *à brasileira* ao socialismo-democrata europeu:

A pesquisa documental indica que Mário Soares desempenhou importante papel nessa adoção do socialismo por Brizola. [...] Isso mostra o papel importante das redes enquanto transmissoras de valores e ideias, além da abertura de canais de participação (MARQUES, GONÇALVES, 2016, p. 412).

Nesse momento fundacional da agremiação num contexto de abertura política no Brasil e de retomada da democracia em Portugal era necessário demarcar “o caráter democrático do partido, cuja história estava inegavelmente conectada ao Estado Novo de Vargas, que também produziu exilados” (p. 413). Assim, não se renegava esse passado complicado. No entanto, as menções a esse ponto em específico eram superficiais, enquanto buscavam-se as origens no trabalhismo de Vargas dos anos 1950, bem como o reformismo do início da década de 1960.

Segundo Delgado (2011, p. 258):

A relação getulismo-petebismo permeou toda a trajetória do PTB [...] Após 1954, foi também subsídio para a constituição de um programa de ação partidária – o programa partidário do PTB esteve firmemente vinculado ao trabalhismo getulista, principalmente nos primeiros anos da experiência petebista.

Naturalmente o partido passou por transformações marcadas por momentos como a morte de Vargas, a ascensão das forças reformistas (com João Goulart e Leonel Brizola) e a disputa pela sigla durante a abertura política. Contudo, retomando Delgado (2011, p. 258), “mesmo tendo perdido a prioridade na vida do PTB, a estratégia e a marca do varguismo jamais se apagaram por completo na face e na prática petebista”. Inclusive quando assumiu uma nova configuração: o PDT. Mesmo que de uma maneira pouco aparente.

Por outro lado, Jorge Ferreira aponta que:

Ao longo de sua trajetória, portanto, o PTB superou sua fase getulista, propondo-se tão-somente a garantir a legislação social promulgada nos anos 1930, e, sem abandonar o fisiologismo, as práticas autoritárias e o personalismo, alcançou um perfil programático e ideológico, defendendo grandes mudanças econômicas e sociais, o nacionalismo e a independência do país frente ao capital internacional (FERREIRA, 2005, p. 376-377).

Mesmo com diversas transformações o autor defende a permanência da tradição trabalhista na política brasileira:

Contudo, o trabalhismo, como uma tradição da classe trabalhadora, permaneceu. O conjunto sistematizado de ideias, crenças e imagens socialmente compartilhadas que herdamos do passado pré-64 ainda continua presente nos discursos das esquerdas hoje, embora com outros nomes e outras propostas. A tradição se fez mais forte, porque resultado de experiências históricas, e o trabalhismo ainda se mantém como elemento importante da cultura política das esquerdas brasileiras (FERREIRA, 2005, p. 382).

Assim, uma das maiores transformações do trabalhismo se deu pela disputa da sigla PTB “após 35 anos de sua criação e 15 de sua cassação” em 1979 quando Brizola e Yvete Vargas, sobrinha de Getúlio, se enfrentaram na Justiça Eleitoral pela legenda. O político gaúcho perdeu a disputa e acabou fundando “mais um partido trabalhista brasileiro”. Angela de Castro Gomes sintetizou o futuro do trabalhismo após a volta do pluripartidarismo:

Daí para frente, PTB e PDT serão os principais herdeiros da tradição acumulada pelo velho PTB. Eles têm, portanto, outra história, muito distinta, mas que recorre, com frequência, à memória das lutas trabalhistas e ao carisma de Getúlio Vargas. Um sinal da força desse antigo partido e de suas bandeiras históricas (GOMES, 2007, p. 79. *As citações anteriores são da mesma página*).

## Conclusão

Brizola pode ser considerado o último grande representante do trabalhismo de Vargas, isto é, o varguismo. Foi desse modo interpretado, pois ele próprio tomava pra si tal marca. Fazia questão de manter viva a memória de Getúlio Vargas. Por outro lado, o trabalhismo propriamente dito está acima dessas personalidades, muito embora seja difícil encontrar na política atual representantes dessa corrente. É mais fácil percebermos a presença do brizolismo, seja através dos herdeiros políticos de Leonel Brizola, como os netos Juliana, Leonel e Carlos ou daqueles que se declaram brizolistas, Vieira da Cunha e Pedro Ruas, por exemplo.

João Trajano Sento-Sé ao final do artigo *O discurso brizolista e a cultura política carioca*, escrito em 2002, acreditava no possível fim brizolismo como fenômeno político (p. 103) diante das consecutivas derrotas eleitorais de Brizola e seus aliados. Especialmente no cenário político carioca analisado pelo autor. Todavia, acreditamos que após sua morte, Brizola ganhou novo significado no imaginário nacional e, em certa medida, formou-se um *mito* sobre sua personalidade e trajetória política.

Ademais, o esforço em manter seu legado vivo através de seus herdeiros e a crise institucional com o impeachment de Dilma Rousseff favoreceu a retomada de sua imagem. Julgamos, assim, que o *brizolismo* de inspiração trabalhista segue presente, não com a mesma

força de outrora, mas ainda capaz de representar ideais e angariar votos no cenário político brasileiro.

### *Referências*

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. *Em busca do paradigma perdido: as esquerdas brasileiras e a crise do socialismo real*. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2009.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-964)*. 2ª ed. São Paulo: LTr, 2011.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice/Iuperj, 1988.

\_\_\_\_\_. *História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões*. In: SOHIET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs). *Culturas Políticas*. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MARQUES, Teresa Cristina Scneider; GONÇALVES, Leandro Pereira. *A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio*. In: Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 399-416, jul.-set. 2016.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

\_\_\_\_\_. *O discurso brizolista e a cultura política carioca*. In: Varia História, Belo Horizonte, n. 28, p. 85-104, dez. 2002.

SZATKOSKI, Elenice. *O jornal Panfleto e a construção do brizolismo*. Tese (Doutorado em História). PUCRS, Porto Alegre, 2008.